



## O SUJEITO EM APAGAMENTO: UMA EXPERIÊNCIA DA DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO SUPERIOR

Daynara Braz do Nascimento<sup>1</sup>  
Tacielle Costa Domingues<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência do caso clínico de Henrique (nome fictício), um estudante universitário com deficiência visual decorrente de glaucoma congênito, atendido pelo Núcleo de Atenção Psicossocial (NTAPS), buscando compreender como os efeitos do apagamento social foram internalizados. O paciente relatava sentimentos de anedonia, depressão e dificuldade em validar suas conquistas acadêmicas. Ao longo dos atendimentos, descreveu experiências de perda e conflitos sem expressar descontentamento ou frustração, naturalizando suas vivências. Inserido em um contexto marcado por falhas institucionais e ausência de acessibilidades, nota-se que Henrique internalizou os processos de silenciamento e apagamento, expressos também em suas dificuldades de socialização e na resistência a encontros presenciais. Observa-se que a invisibilidade social se articulou a sua subjetividade, levando-o a evitar reivindicações por receio de “incomodar”, o que se conecta ao que ele nomeia como “anedonia”. Na teoria psicanalítica, tal indiferença pode indicar impossibilidade de simbolização, conforme descrito por Freud em *Luto e Melancolia* (1917). Sua exclusão de projetos sobre deficiência visual em seu próprio campus ilustra o apagamento social vivido por pessoas com deficiência. Nesse contexto, a clínica psicanalítica surge como espaço de emergência do sujeito, favorecendo a dúvida e possibilitando deslocar a anedonia como defesa ao abrir caminho para a elaboração psíquica e o desejo de sujeito.

**Palavras-chave:** deficiência visual, invisibilidade social, anedonia, psicanálise, apagamento.

### Introdução

A deficiência, quando atravessada por falhas institucionais e não se garante acessibilidade, pode gerar processos de invisibilidade social que se internalizam na subjetividade desses sujeitos. Este trabalho apresenta um relato de caso clínico que articula a experiência da deficiência visual com a posição subjetiva de um estudante universitário em acompanhamento psicológico, buscando compreender como tais condições foram internalizadas por ele como uma dinâmica de silenciamento e apagamento.

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis.

<sup>2</sup> Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru. Fapesp.

## Objetivos

O objetivo deste trabalho é apresentar um relato de experiência, com base na teoria psicanalítica, analisando os efeitos do apagamento social e institucional nas experiências vividas por um estudante universitário com deficiência visual.

## Desenvolvimento

Henrique (nome fictício) é um homem pardo, estudante universitário e com deficiência visual decorrente de glaucoma congênito. Esteve em acompanhamento psicológico pelo Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS), no qual relatava sentimentos de anedonia, descritos por ele como ausência de emoções, diagnóstico de depressão e inseguranças relacionadas à vida acadêmica, apresentando dificuldades em validar suas próprias conquistas.

Ao longo dos atendimentos, Henrique relatou diversas situações delicadas e lutos vividos sem esboçar algum tipo de tristeza ou incômodo, sugerindo certa negação frente a realidades difíceis de elaborar. Essa postura também se repete em relação à sua deficiência visual, em que embora o paciente tenha passado por diferentes tratamentos, procedimentos e readaptações ao longo da vida, Henrique não manifesta frustração ou revolta, naturalizando as condições que narra. Assim como também o faz ao descrever a ausência de práticas efetivas de inclusão no ambiente acadêmico.

Neste contexto, destaca-se o cenário de invisibilidade em que este sujeito foi colocado socialmente. Falhas institucionais na garantia de seus direitos de acessibilidade parecem ter sido internalizadas por ele como um autossilenciamento. Nas relações interpessoais, Henrique apresenta dificuldade em expressar frustrações e desejos, adotando uma postura passiva frente a situações de conflito, reforçando sua experiência subjetiva de apagamento.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019), mais de 2 bilhões de pessoas no mundo apresentam algum grau de deficiência visual que podem se agravar se não houverem políticas públicas efetivas e pela precariedade das práticas de inclusão e acessibilidade. No caso de Henrique, observa-se como essa invisibilidade social se articulou com sua subjetividade, levando-o a evitar questionar e reivindicar seus próprios direitos por receio de “incomodar” o outro, podendo articular com aquilo que ele nomeia como anedonia.

À luz da psicanálise, Rivera (2013), ao discorrer sobre a obra *Luto e Melancolia*, de Freud, nos mostra que a tristeza não deve ser tomada como anormal, mas como parte de um processo de elaboração psíquica diante das perdas. A indiferença afetiva apresentada por Henrique, nesse sentido, pode sinalizar certa impossibilidade de simbolização. Essa lógica do apagamento também se expressa em suas dificuldades de socialização, quando recorre principalmente a meios virtuais e on-line para interagir e se relacionar com outras pessoas, apresentando resistências possíveis resistências frente a encontros presenciais, o que pode indicar sua negação diante aos problemas que se expressa em sua indiferença discursiva.

O apagamento subjetivo desse sujeito se evidencia ainda quando, em sua narrativa, afirma receber todo o suporte necessário pela universidade, mas, ao longo dos atendimentos, Henrique contradiz essa afirmação ao relatar inúmeras falhas, como por exemplo a ausência de recursos de adaptação, professores despreparados para adequar os conteúdos e uma coordenação de curso que sequer comunicou previamente a presença de um aluno com deficiência, submetendo o próprio aluno a informar esses docentes. Mas, o mais simbólico, que representa esse cenário de invisibilidade, foi que sua chegada ao campus motivou professores e alunos a desenvolver projetos acerca da deficiência visual, mas Henrique nunca foi convidado a integrar ou auxiliar esses trabalhos, exemplificando como sujeitos com deficiência são constantemente apagados no espaço social.

Nesse sentido, compreende-se que o trabalho clínico com Henrique se apresenta como possibilidade de emergência do sujeito por via das dúvidas e legitimação entre aquilo que ele diz e narra de suas experiências. Assim, a interpretação vem para instaurar questionamentos, abrindo um novo espaço em que ele possa perceber seus sentimentos e pôr em xeque a anedonia, que até então funcionava como uma defesa. A psicanálise possibilita, portanto, bascular o sintoma, colocando a anedonia em dúvida, para dar lugar a outros sintomas mais elaborados e que sirvam melhor para o sujeito e para a vida (Lacan, 1992).

## **Conclusões**

O atendimento clínico de Henrique revela a complexidade de uma experiência de deficiência que, sequer aparece como uma queixa, mas que a sua socialização e a história de como foi realizado o atravessa de tal forma, que sua posição subjetiva em relação ao Outro é de apagamento. Nesse cenário, a escuta visou a tentativa de emergir a dúvida e, com ela, a possibilidade do desejo de sujeito, e não mais um contentamento silenciado que ele poderia traduzir como anedonia.

## **Referências**

- RIVERA, T. (2012). *Luto e melancolia, de Freud, Sigmund*. Novos estudos CEBRAP, 231-237, 2012.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Relatório Mundial sobre a visão. Genebra: World Health Organization, 2019.
- FREUD, S. *Luto e melancolia* (1917). In: *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, J. *O avesso da psicanálise: seminário, livro 17 (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.